



TURISMO E SAÚDE: Ensaio sobre Desteritorialização, Autopoiese e o Agenciamento de Condições de Saúde

Desteritorialization Essay, Autopoiesis and the Actuation of Health
Conditions

Maria Luiza Cardinale Baptista (malu@pazza.com.br)
Universidade Caxias do Sul, Brasil

Helena Charko Ribeiro (hcharko@terra.com.br)
Universidade Caxias do Sul, Brasil

RESUMO

O presente texto tem caráter ensaístico e apresenta uma reflexão sobre a desterritorialização, como característica inerente ao turismo, com potencial de autopoiese e agenciamento de condições de saúde. Em termos teóricos, tem base transdisciplinar, envolvendo as áreas de Saúde, Turismo, Epistemologia da Ciência e Estudos de Subjetividade, com a Esquizoanálise. A produção é orientada pela estratégia metodológica Cartografia de Saberes, de Baptista (2014), a partir das trilhas Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa, com seus respectivos procedimentos operacionais. A reflexão produzida remete à compreensão do Turismo como processo complexo de desterritorialização, em que são acionados e transversalizados ecossistemas. Esse processo, ao produzir a ação de perda de território no e do sujeito, tem forte potencial de produção de saúde, pelo acionamento de uma dimensão mais ampla do corpo, o que, na Esquizoanálise, denomina-se de corpo vibrátil.

Palavras-chave: turismo, saúde, desterritorialização, autopoiese.

ABSTRACT

This text has an essayistic character and it presents a reflection on deterritorialization, as a specific feature of tourism, with the potential for autopoiesis and actuation of health conditions. In theoretical terms, it has a transdisciplinary basis, involving the areas of Health, Tourism, Epistemology of Science and Subjectivity Studies, with Schizoanalysis. The production is guided by the methodological strategy Cartografia dos Saberes, by Baptista (2014),



from the paths Personal Knowledge, Theoretical Knowledge,

Production and Intuitive Dimension of Research, with their respective operating procedures. The reflection produced refers to the understanding of tourism as a complex process of deterritorialization, in which ecosystems are activated and transversalized. This process, when producing the action of loss of territory in and of the subject, has strong potential for health production, by triggering a broader dimension of the body, which, in Schizoanalysis, is called the vibrating body.

Keywords: tourism, health, deterritorialization, autopoiesis.

PRIMEIROS SINAIS VITAIS

Pensar em Turismo e Saúde implica o exercício de aproximação de mundos complexos. Cada um desses mundos apresenta feixes inúmeros de atravessamentos, de transversalizações, que sinalizam conexões com dimensões complexas da vida, como os aspectos econômicos, sociais, psicológicos, geográficos, culturais. A discussão aqui apresentada decorre de pesquisas que vêm sendo realizadas, na Universidade de Caxias do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, sobre a temática Turismo de Saúde, mais diretamente, por uma das autoras, e, em perspectiva mais ampla, sobre o caráter de desterritorialização e autopoiese, como inerentes às condições do Turismo, pelo Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese.

A reflexão sobre Turismo e Saúde tem estado presente na vida das duas pesquisadoras, por caminhos diversos, mas que se cruzaram no trabalho da Pós-Graduação, mais recentemente. Uma, originária da área da Comunicação Social, com experiência de trabalho em hospital psiquiátrico e consultorias para hospitais; com palestras e oficinas, visando discutir a ambiência de prestação de serviços, as relações que se estabelecem nesses ambientes e a importância de acolhimento de sujeitos, que se deslocam para esses centros de tratamento. Nesse sentido, viveu muito



tempo de reflexão sobre como as interações e o cuidado têm potencial para ajudar a gerar autopoiese, na direção da produção de saúde.

No caso da outra pesquisadora, a experiência em Turismo, em gestão, planejamento e ações operacionais, levou à situação de se deparar com a necessidade de acompanhar o deslocamento de pacientes, em viagens internacionais. Esta experiência chamou a sua atenção para vários aspectos e implicações do que, em termos teóricos, tem sido chamado como Turismo Médico (Hernandez, 2011; Godoi, 2009; Fernandes, Fernandes, 2011) ou Turismo de Saúde (Godoi, 2009; Fernandes, Fernandes, 2011; Brasil, 2017). A preocupação, neste ensaio, no entanto, não é discutir a terminologia, mas refletir sobre a interface Turismo e Saúde, buscando compreender o quanto aspectos inerentes ao Turismo, como a desterritorialização e autopoiese, são importantes potencializadores de saúde.

Para começar, precisamos pensar o que é Turismo e o que é Saúde, nessa perspectiva que estamos refletindo. São esses nossos Primeiros Sinais. Ambos conceitos são considerados, aqui, como relacionados a Ecossistemas Complexos, com características de sistemas abertos e transversais, entre si e entre outros ecossistemas da dimensão da vida, em sentido amplo. Não é possível isolá-los, como em um laboratório, para observar um e outro. Entendemos que a discussão tem que ser sempre transversalizada, até porque a inflexão deste texto é justamente considerar a implicação mútua, especialmente o resultado do movimento, dos sujeitos em processo de desterritorialização. Nesse sentido, o 'abre' do texto se dá por esses primeiros sinais vitais.

Também se entende que há um ecossistema macro, na geopolítica internacional e nos entrelaçamentos internos, nos diversos países, que facilita ou dificulta a geração de Turismo ou de Saúde, e, mais ainda, a produção de Turismo vinculado à promoção da Saúde. São complexas as malhas, as teias e redes, seja de promoção de serviços inerentes a esses dois campos,



seja em termos de discussões epistemológico-teórico-conceituais. Há uma discussão ampla, buscando as significações mais complexas dos dois campos e suas potencialidades de entrelaçamento e, ao mesmo tempo, uma grande engrenagem maquinica instalada, no cenário internacional, que gera direcionalidades de ações, organizações, serviços, instituições, tanto de oferecimento de serviços nas nuances de cada área, quanto na formação profissional e no ensino-aprendizagem, necessários para a preparação de profissionais, da sociedade e do ecossistema como um todo, para o resultado efetivos de ações empreendidas. A proposição 'engrenagem maquinica' têm sustentação teórica nos textos de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Suely Rolnik, tendo sido também já abordada de modo mais aprofundado em tese de doutoramento, apresentada à Universidade de São Paulo (Baptista, 2000). Para Guattari, a máquina não é a máquina mecânica, mas representa um conjunto de fluxos e engendramentos, concretos e abstratos, em que feixes interacionais vão constituindo algo como um campo de potência para devires. Essas máquinas abstratas podem ser desde uma instituição, como uma universidade, até um território geográfico, como um país, mas implicam dimensões que extrapolam o visível, o dizível, o concreto.

Assim e por isso mesmo, há interesses múltiplos e complexos. Quer dizer, a quem interessa a compreensão de que 'viajar é um dos maiores potencializadores de saúde' e que é um dos melhores remédios, para as dores da alma e, também, do corpo? O fato de que vivemos em meio a uma grande 'teia da vida', marcada pela lógica do Capital leva-nos a compreender que afirmações como essa, destacada anteriormente, podem facilmente ser desmerecidas, desvalorizadas, como simplistas, indicadas como carentes de substrato demonstrativo e sustentador da afirmação. Claro, isso é contrário, por exemplo, a um ramo da indústria internacional, que trata a doença e não a saúde: a indústria farmacêutica. Diante dessa reflexão de 'triagem', entendemos ser importante firmar a nossa



'conversa', aqui, como resultante do trabalho científico, que tem como orientação a amorosidade, como propõe Maturana (1998), Paulo Freire (2003), Edgar Morin (2003) e Restrepo (1998), este último na abordagem da ternura, entre outros autores. O sentido, então, é amorosidade e ternura, como ética do cuidado, da relação, do "reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência" (Maturana, 1998). Vale lembrar que estamos, sim, falando de Saúde, mas no sentido do interesse coletivo e subjetivo, considerando aqui os sujeitos como capazes de serem sujeitos de sua própria história e, por isso, potentes e autopoieticos. Sujeitos que precisam ser reconhecidos, em suas demandas, mas que são, eles mesmos, agentes de transformações dos serviços que lhes são oferecidos, sejam eles no campo do Turismo ou da Saúde.

Reconhecemos a força do fluxo do Capital, nos mais diferentes ecossistemas, em níveis internacionais ou nacionais, bem como seus entrelaçamentos, nas diversas dimensões da vida, entre elas o Turismo e a Saúde. Apesar disso, temos produzido uma Ciência voltada ao 'avesso', desse grande tecido ecossistêmico, que nos põe em contato, pela teia da vida, para lembrar Fritjof Capra (1997), no viés da engrenagem maquinica. Queremos discutir, então, como é possível que as produções sejam ecossistemicamente responsáveis, geradoras de autopoiese, como reinvenção de si, tanto para sujeitos, organizações, instituições, lugares, destinações turísticas, quanto para o Grande Corpo, o Ecossistema Todo, Gaia, o Planeta.

A fala pode parecer presunçosa, mas não é. Diz apenas da compreensão ligada às noções de Ecologia Profunda, de Arne Naess (apud Capra, 1997), dos entrelaçamentos caosmóticos e de estudos que demonstram que somos Um, conectados em uma grande teia-trama cósmica. Está em sintonia com saberes amazônicos, desenvolvidos ao longo de quase dez anos de parcerias, com pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas, e em processo pessoal, de uma das autoras



deste ensaio, em processo de pós-doutoramento, naquela universidade. Muitos textos produzidos pelos pesquisadores da UFAM ajudaram a compreender a perspectiva. Destacamos: Comunicação Midiatizada na e da Amazônia, organizado por Maria Ataíde Malcher, Netília Silva dos Anjos Seixas, Regina Lúcia Alves de Lima e Otacílio Amaral Filho (2011); Estudos e perspectivas dos ecossistemas comunicacionais, organizado por Gilson Vieira Monteiro, Maria Emilia de Oliveira Pereira Abbud e Mirna Feitoza Pereira (2011); Processos Comunicacionais. Tempo, Espaço e Tecnologia, organizado por Claudio Manoel de Carvalho Correia, Ítala Clay de Oliveira Freitas, Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud e Maria Sandra Campos (2012); Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia, organizado por Netília S. dos Anjos Seixas, Alda Cristina Costa, Luciana Miranda Costa (2013). Outro cientista que nos ajuda a pensar nesse sentido é Marcelo Gleiser (2006, 2007), físico e astrônomo brasileiro, vencedor do prêmio Templeton de 2019 – que se propõe a ser um catalisador filantrópico para descobertas relacionadas às questões mais profundas e complexas da humanidade, da Terra e do Universo.

Entre Turismo e Saúde, pensamos, aqui, os processos de desterritorialização e autopoiese. Esses são os próximos 'setores' desse nosso percurso, remetendo, aqui, como metáfora, ao percurso em instituições de tratamento de saúde (ou de pessoas cuja saúde inspira cuidados ou já estão em estado de doença). A ideia, nesse sentido, é pensar esses processos e suas potencialidades, refletindo para seus entrelaçamentos com o Turismo e a Saúde. Neste caso, a reflexão tem como grande suporte teórico os pressupostos da Esquizoanálise, proposta por Guattari e Deleuze (1992, 1997) e com reverberações nos estudos de vários autores, com destaque para o trabalho de Suely Rolnik (1989), no Brasil. Para refletir sobre autopoiese, a base teórica dialoga com a Biologia do Conhecimento ou Biologia Amorosa, de Humberto Maturana (1998) e Francisco Varela (1992), como inspiração, que também se entrelaça com autores que discutem as máquinas



autopoiéticas e sua potência, como os esquizoanalíticos ou teóricos ligados à dimensão tecnológica, como Pierre Levy (1999) e Derrick de Kerckhove (1997).

O texto segue, então, a partir desse sinalizadores, de saberes pessoais das autoras do ensaio, com o diálogo com os autores e a apresentação de informações decorrentes de vivências, nos campos do Turismo, da Saúde e da Comunicação. Na sequência, a Triagem, com a apresentação da estratégia metodológica que orienta a produção do texto e das pesquisas, relacionadas diretamente a este ensaio.

TRIAGEM OU CARTOGRAFIA DOS SABERES, COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A Cartografia dos Saberes é uma estratégia metodológica proposta por Baptista, decorrente de quase 30 anos de ensino em Metodologia da Pesquisa, produção de pesquisa em nível de Mestrado e Doutorado, na interface das áreas de Comunicação, Turismo, Educação, Estudos de Subjetividade, bem como orientação de trabalhos em todos os níveis de ensino e nas mais diversas áreas de conhecimento, tanto em seis Universidades brasileiras, quanto em empresa própria de consultoria e supervisão de textos para trabalhos acadêmicos. Ao todo, são centenas de trabalhos orientados e supervisionados em termos de escrita e estratégia metodológica.

O conceito de cartografia e sua associação com processos metodológicos têm inspiração em Suely Rolnik (1989) e seu Manual do Cartógrafo, apresentado no livro Cartografia Sentimental. Dizendo de uma maneira simples, em termos de procedimentos operacionais, a ideia envolve produzir um 'mapeamento' constante de saberes, informações e recursos, mas considerando o diferencial da cartografia, segundo Rolnik. Para ela,



enquanto o mapa demarca um território, a cartografia registra as mudanças, a “transformação da paisagem”, para usar sua expressão. Assim, a Cartografia, como estratégia metodológica, proposta por Baptista (2014), pode ser pensada como um mapeamento mutante, constante, em que são produzidos registros que vão ajudando a reconhecer a ‘paisagem teórico-conceitual’, de outras paisagens psicossociais, ou dos mais variados fenômenos a serem estudados. Baptista (2000, 2014b) tem os estudos de Rolnik e a discussão sobre a cartografia, como inspiração, mas sua proposta se diferencia, no sentido de sinalizar quatro grandes trilhas, a partir das quais a produção científica se realiza. Assim, a enunciação dessas trilhas, como sinalizadores do percurso, em termos operacionais, direciona o modo de fazer, segundo a lógica plural, móvel, mutante, processual. São linhas que vibram, potentes, que produzem energia e derivações, expandindo-se rizomaticamente.

A preocupação com os desafios metodológicos e de produção da Ciência, especialmente de pesquisadores iniciantes, bem como a compreensão e experiência totalmente transdisciplinar, são fatores que possibilitaram, à pesquisadora líder do Amorcomtur, propor uma estratégia de produção da pesquisa, a partir de uma trama de trilhas, simultâneas, com ênfase para quatro delas: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa. Vamos a elas, buscando compreender o percurso nessas trilhas, que contribui para a produção deste texto.

Saberes Pessoais. Nesta trilha, o pesquisador deve cartografar o que sabe, o que tem acumulado de saberes, a partir da trajetória anterior, relacionada ao fenômeno investigado. Esta trilha relaciona-se ao caráter epistemológico da Ciência, em que se questiona os porquês relativos ao fato de decidir enveredar em cada trilha-temática da investigação. Quer dizer, se decidiu pesquisar algo é porque já viveu ou pensou, estudou a respeito.



Há motivações internas e saberes preliminares sobre o assunto. Ninguém parte do 'zero'. É preciso sistematizar informações sobre os percursos pessoais anteriores do pesquisador. No caso deste estudo, as duas autoras, puderam resgatar as experiências vividas, seja em trabalho em clínicas, diretamente com funções ligadas à Comunicação e gestão de pessoas, em agências de turismo e em projetos da área, bem como consultoria, oficinas e palestra para o setor. Uma das pesquisadoras, inclusive, foi responsável por disciplina de Metodologia da Pesquisa para a área médica, bem como supervisão de textos para várias teses da área da Medicina, bem como artigos da área da Enfermagem. Em termos operacionais, o resgate foi realizado com a realização de conversas, entre os pesquisadores, com o grupo de pesquisa, com o registro escrito das lembranças e sistematização, posteriormente novamente discutida, processada e trabalhada.

Saberes Teóricos. Igualmente, para realizar as reflexões, as pesquisadoras tiveram que viver a trilha de Saberes Teóricos, em que se busca conhecer os percursos, reflexões, pensamentos, conceitos e teóricas produzidos por outros pesquisadores. Para tanto, são definidas as trilhas teórico-conceituais principais, que neste estudo são: Turismo, Saúde, Desterritorialização e Autopoiese. Essas trilhas são percorridas, com cartografia (levantamento) bibliográfico, leitura, fichamento, produção de textos síntese. Destaque, aqui, para o fato de que essa trilha tem como procedimento muito importante o trabalho de discussão e sistematização das (nas) Rodas de Conversa, realizadas pelo grupo. Entendemos que o conhecimento apreendido dos saberes teóricos ganha novas nuances, a partir da discussão. Na conversa, brotam novas perspectivas, percebem-se os entrelaçamentos, e isso ajuda a compor uma teia-trama de saberes em que pesquisadores e autores, saberes pessoais e teóricos, misturam-se, recriam-se, reinventam-se, autopoietizam-se.

Usina de Produção. Nesta trilha, os pesquisadores sinalizam, mais explicitamente, os fazeres da pesquisa, considerados em duas



trilhas derivadas: aproximações e ações investigativas. Nas aproximações, realiza-se uma busca, para depois sistematizar, algo sem 'a prioris'. O pesquisador abre-se ao campo, para dele receber pistas, sinalizadores, que ajudem a compor uma sistematização delineadora de ações a serem realizadas. Para este estudo, pelo seu viés ensaístico, o trabalho na 'Usina' é bibliográfico, derivado diretamente das duas trilhas de saberes, apresentadas anteriormente. Indiretamente, embora não seja objeto de apresentação neste texto, há a conexão também com saberes produzidos na pesquisa em nível de doutoramento sobre Turismo e Saúde, na Universidade de Caxias do Sul, com aproximações e ações, relacionadas, também a pacientes e acompanhantes de usuários do SUS, em deslocamento para o município de Porto Alegre. O trabalho de coleta direta, em entrevista, com 90 pessoas, em deslocamento para atendimento em três grandes hospitais de Porto Alegre, ajuda a compor um substrato para as discussões apresentadas aqui. Há, ainda, o trabalho de análise documental e cartografia de produções veiculadas na internet, que também subsidiam as reflexões.

Dimensão intuitiva da pesquisa. Nesta trilha, reconhece-se o valor da intuição, de aspectos sutis e inesperados, na composição de saberes da investigação. Há o reconhecimento de valor para esses saberes e a sinalização para o alinhamento com pensadores como James Lovelock (1991), Deepak Chopra (1989), e, também, Edvaldo Pereira Lima (2009), entre outros. Na USP, já na década de 1990, uma iniciativa chamada Projeto Plural, Novo Pacto da Ciência, coordenado por Cremilda Medina e Milton Grecco (1990-1991, 1994), reuniu pesquisadores das mais diversas áreas, demonstrando, em ampla discussão e conexão de pesquisas, que a ciência há muito extrapola a lógica racionalista, mecanicista, cartesiana, reducionista. Do ponto de vista operacional, em termos metodológicos, essa dimensão intuitiva passa pelo registro das sinalizações espontâneas e dos sinais inesperados. O Diário de Pesquisa aqui passa a ser



fundamental, como registro das expressões sensíveis, em que a intuição vai compondo fios de sinalização para a produção dos saberes. Neste texto, há subjacentes fios dessa composição e vivências partilhadas, em tantas conversas, de orientação partilhada, de troca de saberes, em que a intuição se fez, no sentido de pensar, com profundidade o entrelaçamento entre Turismo e Saúde, em considerar a desterritorialização em sua potência de autopoiese e de produção de Saúde.

TURISMO: DOSAGENS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E AUTOPOIESE

O título deste item, claro, também segue a lógica metafórica de composição das trilhas de enunciação do texto. Trata-se aqui da consulta ao conceito de Turismo, especialmente no viés que está sendo considerado, refletindo sobre as altas 'dosagens' de desterritorialização e autopoiese. Então, para seguir nosso percurso narrativo, é preciso 'abrir a receita' e ler a bula, ou seja, compreender o que está sendo prescrito aqui e suas implicações de modo de uso - implicações que podem, inclusive, gerar efeitos colaterais.

O conceito de turismo vem sendo trabalhado, ao longo de um processo histórico de estudos, em alinhamento às tendências epistemológico teóricas, passando pelas perspectivas funcionalistas, estruturalistas, de pensamento crítico e sistêmico, entre outros. É o mesmo processo que ocorreu com grandes conceitos, que representam áreas de conhecimento e que ensejam a discussão sobre a composição de campos científicos. O alinhamento do conceito de turismo, em termos das discussões epistemológicas que estão sendo feitas aqui, é feito com a abordagem dada por Moesch. Nesse sentido, pode-se mencionar texto publicado com Mario Carlos Beni (2017), sob o título A Teoria da Complexidade e o Ecossistema do Turismo. O texto discute as bases epistemológicas do turismo, passando pela matriz



cartesiana, retomando os passos da teoria sistêmica na construção da epistemologia do turismo, com o papel dos funcionalistas sistêmicos e o método analítico. Na digressão histórico-reflexiva, o texto chega à proposição do modelo Sistema de Turismo, o Sistur, que já priorizava a visão sistêmica as interações.

Os autores propõem a discussão da transdisciplinaridade e a associação com a lógica ecossistêmica complexa. Explicam que através da relação entre os sistemas abertos e o ecossistema do turismo, de ordem material energético e organizacional/informacional, é possível entender o caráter determinado e aleatório, ao mesmo tempo, da relação ecossistêmica.

Assim, as categorias como tempo, espaço, tecnologia, economia, comunicação, ideologia, imaginário, hospitalidade, diversão, entre outras, constituem-se na sua práxis. Práxis turística não disjuntiva, nem linear, mas sim uma construção dinâmica, permanente, na qual o sujeito turístico em sua transumância se move, constrói de forma imaginal, comunica seus desejos mais íntimos, em processos objetivos de fluxos (deslocamento/viagem/transportes), de fixos (estada, hospedagem, alimentação, acolhimento e segurança) e de prazer (o encontro cultural, a diversão), que só se estabelece se houver o encontro possibilitado pela hospitalidade. (Beni, & Moesch, 2017, p. 454)

Como trabalhamos na perspectiva de costura de saberes, de resgate dos entrelaçamentos, na constituição do caráter holístico da Ciência Crema, (1989), consideramos o Turismo como um processo complexo de desterritorialização, em que são acionados e transversalizados ecossistemas, ou seja, movimentos de desterritorialização, que promovem o 'encontro de mundos'.

Nesse sentido, estão em pauta, processos complexos de desterritorializações desejantes, envolvendo o acionamento e entrelaçamentos de diferentes ecossistemas. Em discussão apresentada no



Turisth, III Conferência Internacional de Turismo & História O papel do turismo na valorização histórico-cultural do espaço Ibero-Americano, em 2019, no Sul do Brasil, foi destacada, por Baptista (2019), a pressuposição de que o sujeito que se desloca é também sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia a movimentação e conexão de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo. Desse modo, aciona uma teia de materialidades e imaterialidades, desde as potentes tramas econômico-político-sociais-culturais e de prestação de serviços, até os subjacentes fluxos de energias das partículas, de acionamento quântico, que atinge também os níveis de afetos. Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas.

Dosagem de desterritorialização. Respeitados os limites de dosagens possíveis neste texto, é importante refletir um pouco sobre a desterritorialização. O termo está sendo utilizado aqui com base na Esquizonálise, especialmente nos estudos de Guattari, Deleuze e Rolnik. A fundamentação teórica esquizoanalítica se faz a partir do trabalho com vários textos desses autores. Destaca-se, aqui, especialmente, de Guattari, *As três ecologias* (1981); *Revolução Molecular. Pulsações Políticas do Desejo* (1987); *O Inconsciente Maquínico* (1988); *Linguagem, Consciência e Sociedade* (1990); *Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético* (1992). De Guattari e Deleuze, *O que é Filosofia* (1992); *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. V.1 a v.5* (1995). De Guattari e Rolnik, *Cartografias do Desejo* (1986). De Rolnik, *Cartografia Sentimental* (1989). Estes autores ensinam a desterritorialização como a primeira trilha dos movimentos do desejo, como saída do território, não necessariamente território físico, mas também de abandono dos territórios psicossociais. Assim, seus estudos ajudam a pensar o Turismo, como resultante de deslocamentos, que não são apenas geográficos, mas que implicam o acionamento de mundos/universos



subjetivos, que se 'des-pregam', 'des-apegam', 'des-locam', fazendo com que o sujeito, literalmente, perca o chão de si mesmo. Muito mais do que a materialidade do território físico, o sujeito perde o contato com o chão do seu universo existencial e, ousada e corajosamente, se coloca em movimento, em direção a outros 'com-tatos', para o encontro com outros Universos Ecosistêmicos, com sujeitos de diferentes naturezas, pessoais, maquínicas, de energias e materialidades diversas.

Cada lugar visitado é, literalmente, 'um outro mundo'. Antes disso, no entanto, vive as intempéries do percurso, no movimento de simulação, quando os devires vão se insinuando e há o desconforto de (ainda) não se sentir em casa. Por isso mesmo, depois de reterritorializar-se no destino turístico, o sujeito sofre mais processos de desterritorializações, quando tem que alçar voo, de volta, ao território original, que, diga-se de passagem, nunca mais será o mesmo, será sempre um 're-tornar', em uma dupla desterritorialização, quando os territórios passam a constituir o sujeito internamente. Na prática, o sujeito que volta deixa um pouco de si, no lugar onde visitou, ao mesmo tempo em que carrega feixes de significação do território visitado. Assim, os presentes, as lembranças, os objetos comprados, assim como os registros em foto e vídeo, as postagens nas redes sociais, são elementos desse 're-tornar' desterritorializado.

Nos estudos Amorcomtur, o conceito de desterritorialização tem sido tratado como desterritorialização desejante, justamente pela associação esquizoanalítica entre os conceitos e a compreensão de que é inerente ao conceito de desejo a produção do movimento, da intensidade da movimentação de estrelas. Por isso mesmo, entende-se que, nos processos do Turismo, há alta dosagem de desterritorialização, compreendendo que o tour(ismo) é, em si, sinônimo de movimento, e que movimento só é produzido se houver agenciamento do sujeito em direção a algo. Acredita-se, nesse sentido, que o acionamento da potência do movimento, que desencadeia



a desterritorialização, tem força autopoietica. E disso que trataremos a seguir.

SOBRE O CARÁTER AUTOPOIÉTICO....

O Turismo, conforme os estudos do Amorcomtur, tem se produzido no contraponto entre: as perspectivas desenvolvimentistas do setor, com a inerente crítica de turistificação; os paradigmas de sustentabilidade e ecoeficiência; e a emergência de discussão de justiça ambiental, responsabilidade ecossistêmica e amorosidade. Nesse sentido, também se depara com a necessidade de enfrentamento dos desafios e embates, enunciados em documentário da virada do século, denominado, Crosswords. Dores de Parto para uma Nova Visão Mundial (Ohayon, 2013). Estamos literalmente em uma encruzilhada, desde o final do século, e nesse momento é urgente a reinvenção, a autopoiese. O conceito foi proposto por Humberto Maturana e Francisco Varela, biólogos chilenos, que produziram estudos que constituíram a linha teórica Biologia Amorosa e Biologia do Conhecimento voltados para explicar a origem dos sistemas vivos, mas, mais que isso, a própria organização e reorganização, que mantêm os seres vivos.

A característica mais peculiar de um sistema autopoietico é que ele se levanta por seus próprios cordões, e se constitui como diferente do meio por sua própria dinâmica, de tal maneira que ambas as coisas são inseparáveis. O que caracteriza o ser vivo é a sua organização autopoietica. Seres vivos diferentes se distinguem porque têm estruturas distintas, mas são iguais em organização (Maturana, H., Varela, F., [1984] 2007, p. 54)

A questão, neste ensaio, envolve pensar o processo desterritorializante do turismo como autopoietico. Assim, ao desterritorializar-se, o sujeito perde suas bases existenciais e, ao mesmo tempo, aciona a potência de reinvenção de si mesmo, em novas relações e entrelaçamentos, nas



conexões com os universos de referência encontrados nas destinações turísticas. Ao desapegar-se dos ecossistemas existenciais que o constituem e por-se em viagem, o sujeito vai se 're-fazendo', pelas vivências e entrelaçamentos que se constituem. Esse é um processo complexo e intenso e que, se bem cuidado, pode ser gerador de saúde.

EXAMES DE SAÚDE. TURISMO COMO PREVENÇÃO E REMÉDIO

Para avançar aqui, é preciso examinar o conceito, refletir sobre os entrelaçamentos possíveis. Partimos da etimologia, para refletir aspectos do processo histórico do conceito de saúde (sem nenhuma pretensão de exaurimento, obviamente), até assumir a dimensão 'trama', que caracteriza os estudos Amorcomtur!, como inerente também ao pressuposto conceitual 'saúde'. Naomar de Almeida Filho (2013) traz ampla discussão sobre as dificuldades de conceituar saúde, em texto editado pela Fiocruz, resgatando o processo filosófico, teórico, metodológico e pragmático sobre saúde, doença e noções correlatas, como vida e qualidade de vida, morte, sofrimento, cuidado e iniquidades. Acredita-se, assim, contribuir para refletir transversalidades e conexões entre campos de conhecimento e brotações conceituais, que lhe são inerentes.

Etimologicamente, saúde, deriva do Latim *salus*, correspondendo a "bom estado físico, saudação", relacionado a *salvus*, "salvo". Isso, por si só, já remete à discussão sobre o que significa esse 'bom estado físico' e o que deve ser saudado, nessa condição de bem-viver. Nuno Cobra, por exemplo, desenvolveu um método de preparação física, que nega a condição do físico, pelo físico, mas associa a outras dimensões da vida. É ele quem afirma: "Tenho uma visão do homem como um todo e não do físico pelo físico. Uso, sim, o corpo como um caminho para chegar à mente, às emoções, ao espírito das pessoas. E o movimento é a chave para o



desenvolvimento interior” (Cobra, 2003, p. 71). Trata-se, aqui, da fala de uma das referências nacionais e internacionais de preparação física de esportistas, empresários de sucesso, nas suas atividades e na vida, que associa saberes desde a biologia do corpo humano às filosofias orientais, que ensinam a preparar a emoção, para o movimento, para as conquistas. Nessa perspectiva, a saudação é algo bem mais amplo do que apenas o funcionamento de cada órgão do corpo humano, no sistema. Nesse sentido, seu conceito de saúde:

Saúde é alegria de viver. É estar encantando com a vida. É ter entusiasmo, energia, vitalidade, disposição. [...] A pessoa encantada com a vida tem o cérebro trabalhando na formação de hormônios de altíssima qualidade que vão nutrir a perfeita elaboração da química interna nos bilhões de reações que ocorrem no organismo todo o tempo. (Cobra, 2003, p. 62).

Cobra ressalta nossa ancestral condição nômade e o fato de que a constituição orgânica do ser humano, como nômade por natureza, digamos assim, mudou muito pouco, ao longo dos tempos. O autor atribui ao movimento produzido natural e constantemente pelos nossos ancestrais a condição mais saudável. “Foi exatamente isso que fez com que nossos ancestrais tivessem uma plenitude de desenvolvimento. [...] Estavam sempre em movimento e, por isso, seu coração sempre exigido tornou-se desenvolvido e muito forte”. (pp. 128-129). Na sequência da fala de Cobra, algumas pistas para a relação entre desterritorialização e o caráter autopoietico do Turismo, na potencialização da saúde.

[...] a essência da vida é o movimento. Nada no universo está parado desde a grande explosão de inimaginável violência que deu origem ao Universo há 15 bilhões de anos. Ela formou as primeiras composições químicas – exatamente a mesma composição química de que é feito o corpo humano, prova de que somos partículas desse mesmo Universo, poeira de estrelas. (BRASIL, 2017, p. 129).



Em seu texto, entre tantas falas importantes, Cobra lembra que somos o Universo e o Universo está em movimento. Comenta que houve um momento, que o homem resolveu decidir, por si, o que seria melhor e passou a promover ações, para buscar conforto e comodidade. Com isso, fixou-se em determinados territórios e começou a acumular materialidades, buscando em dispositivos técnicos a solução para as dificuldades cotidianas. O resultado, segundo o autor, é que “[...] acabou chegando a essa desconfortável sociedade aloprada de virada de século” (Cobra, 2003, p. 129). Os desafios da virada do século estão detalhados também no documentário *Crossroads: Dores de Parto de Uma Nova Visão Mundial*, já mencionado. Com riqueza de detalhes, o documentário traça um diagnóstico da encruzilhada existencial do planeta e sinaliza para possibilidades de superação ou, pelo menos, de sobre(vivência) ao que se apresenta no cenário desafiador. (Ohayon, 2013)

A visão de Cobra é bem diferente da geradora do conceito de saúde, em outros momentos da história. Interessante, nesse sentido, o resgate histórico de texto de Carlos Batistella (2019), intitulado *Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde*. Nesse texto, o autor discute três formulações: saúde como ausência de doença, saúde como bem-estar e saúde como valor social, ao longo do tempo, até chegar à articulação dos determinantes condicionantes à explicação dos fenômenos de saúde. Resgata o modelo biomédico do filósofo americano Christopher Boorse, que elabora o conceito negativo de saúde, considerando-o como ausência de doença. Faz, também, referência a autores que têm criticado a definição negativa de saúde, como é o caso de Almeida Filho e Andrade.

Nesse percurso histórico apresentado por Batistella, interessante o destaque para a abordagem de Canguilhem, que ensina que a saúde é poder adoecer e sair do estado patológico. Assim, a saúde “[...] é entendida



por referência à possibilidade de enfrentar situações novas pela 'margem de tolerância ou de segurança que cada um possui para enfrentar e superar as infidelidades do meio" (Canguilhem, 2006, apud Batistella, 2019, p. 56)

Na perspectiva sinalizada por Canguilhem, a saúde corresponde à capacidade de instituir novas normas, muito mais do que a simples condição de conformidade com o meio externo. A abordagem conceitual parece ajudar a pensar a vinculação com a desterritorialização. Isso se verifica, já que a desterritorialização e a perda dos universos de referência desafiam o sujeito, de tal forma a colocá-lo em contato direto com o desconforto da condição desterritorializante. Ocorre que essa mesma condição produz uma espécie de pressão, que aciona a potência máxima do sujeito, obrigando-o a sobreviver à perda do território existencial. Há, portanto, o acionamento da potência de autopoiese, já que a sua superação empodera o sujeito, trazendo o prazer pelo acesso a outros mundos, numa sensação de conquista e realização pessoal. Nesse aspecto, pode-se referir o alinhamento dessa discussão ao pensamento de Hirschmann (1983) sobre o movimento inerente ao desejo. O autor explica, mencionando Scitovsky, que o prazer é resultante da viagem do desconforto ao conforto. Trata-se do percurso, e não do seu ponto final. Também nesse sentido está o conceito de desejo apresentado pela psicanalista Maria Rita Kehl (in Novaes, 1990, pp. 366-367):

A alegria de desejar depende de uma certa dose de confiança no real, uma certa quantidade de experiências de gratificação que permitam esperar que esse lugar externo ao psiquismo, para onde se espraia a 'fome do mundo', seja um lugar de onde possa vir alguma espécie de prazer e alguma espécie de confirmação, de aplacamento, pelo menos temporário de minhas indagações.

Essas conexões entre desterritorialização, desejo, prazer e alegria estão em sintonia com o conceito de saúde, apresentado por Nuno Cobra (2003), assim como ajudam a pensar a desterritorialização desejante, inerente ao Turismo, como dispositivo de potencialização de saúde. Tanto na



perspectiva de Canguilhem, de capacidade de lidar com as intempéries da vida, com situações inesperadas, e reagir, reinventando-se, quanto na perspectiva de produção de alegria e prazer, a saúde vincula-se ao enfrentamento do desafio do novo, inerente ao movimento, à desterritorialização e capacidade de autopoiese, de autoprodução.

Para a Organização Mundial da Saúde – OMS - (2016) a saúde é um direito social intrínseco à condição de cidadania, o qual deve ser garantido sem diferenciação de raça, religião, ideologia, política ou condição socioeconômica. Assim sendo, a saúde é vista como um valor da coletividade, ou seja, um bem para todos os cidadãos. Diz o texto: “Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Tantas vezes citado, o conceito adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1948, longe de ser uma realidade, simboliza um compromisso, um horizonte a ser perseguido.

Essa visão tem sido criticada, por ser considerada utópica e por supor uma completude de bem-estar, que vários autores contemporâneos não associam à saúde, como Canguilhem e Caponi (1997). Dessa visão crítica e da mobilização de profissionais e estudiosos latino-americanos, foi proposto, na VIII Conferência Nacional de Saúde (VIII CNS), que ocorreu em Brasília, em 1986, o conceito ampliado de saúde. “Em sentido amplo, a saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade acesso e posse de terra e acesso aos serviços de saúde” (Brasil, 1986, p. 4)

Interessante, pensar, aqui, também o conceito de saúde, como um direito à cidadania, tal qual foi expresso na Constituição Brasileira de 1988, seção II, nos artigos 196, 197, 198 e 199. Estes artigos apresentam o conceito de saúde na perspectiva política, econômica e social.



Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. (BRASIL, 2010).

Já o conceito de saúde na abordagem ecossistêmica é diretamente associado ao de qualidade de vida, ou seja, neste caso, pode-se dizer que a saúde é pensada também pela dimensão 'trama', como complexa teia de transversalizações, que constituem condições de bem-estar e qualidade de vida. Vale resgatar, aqui, a fala de Minayo (2002, p.174):

[...] o sentimento de bem-estar, a visão da finitude dos meios para alcançá-lo e a disposição para, solidariamente, ampliar as possibilidades presentes e futuras. Portanto, da mesma forma que a noção de saúde, a qualidade de vida, dentro do enfoque ecossistêmico, é como um guarda-chuva onde estão ao abrigo nossos desejos de felicidade; nossos parâmetros de direitos humanos; nosso empenho em ampliar as fronteiras dos direitos sociais e das condições de ser saudável e de promover a saúde.

Nessa visão de saúde, tem-se a aproximação com o turismo e os diferentes territórios existenciais. Minayo explica que ocorre a busca por "identificar as relações entre as condições de saúde e seus determinantes culturais, sociais e ambientais, em ecossistemas modificados pelo trabalho e pela intervenção humana" (Minayo, 2002, pp. 181-182 apud Batistella, 2019, p. 72).

Chega-se, assim, em meio a essas reflexões, às condições de alta, sempre marcadas pela compreensão de que se 'tratou' o processo, sem a pretensão de exaurimento completo. Há sempre muito a ser feito, após a alta.



CONVERSA SOBRE AS CONDIÇÕES DE ALTA

Depois do percurso deste texto sobre a desterritorialização, como característica inerente ao turismo, com potencial de autopoiese e agenciamento de condições de saúde, antes da 'alta', propriamente dita, entende-se oportunas algumas pontuações, como conversa, para a passagem a outros processos.

Pode-se dizer que, neste texto, foram 'tratadas' essas transversalizações desterritorializantes e autopoética da relação entre Turismo e Saúde. Após o 'tratamento', compreende-se algumas transformações, alguns sinalizadores de rumos, no nosso caso, de reflexões a respeito da temática. É o que se entende, aqui, como 'sinalizadores de condições de alta'. Vamos, então, a eles.

Um primeiro sinalizador diz respeito ao fato de que se entende o momento de alta, não como um fim do tratamento, mas como uma passagem para outras condições, no nosso caso, reflexiva. Acredita-se que, ao ensaiar sobre os entrelaçamentos aqui propostos, algumas pistas foram apresentadas sobre a potência de interface entre esses dois campos de conhecimento e práticas de produção de vida – Turismo e Saúde.

Além disso, propôs-se, aqui, uma relação lógica, no sentido de potencialidade geradora entre a existência da desterritorialização desejante, inerente ao turismo, e a promoção da Saúde. Isso envolve, por si só, a compreensão dos campos teórico-conceituais e de prestação de serviços envolvidos, como trama complexa ecossistêmica e, também, como marcados pela lógica processual e de imbricamentos mútuos. Nesse sentido, buscou-se apresentar sinalizadores de uma visão ampliada, tanto de Turismo, quanto de Saúde, na perspectiva ecossistêmica complexa, com os entrelaçamentos da trama de feixes de atravessamento, envolvendo desde



fatores geopolíticos, econômicos, sociais, culturais, nas dimensões epistemológico-teórico-metódico e técnica.

Procurou-se destacar a força da desterritorialização, com o acionamento da autopoiese, no sentido de reinvenção do sujeito, marcada pelo jogo de des-apego aos territórios existenciais e novos acoplamentos e vinculações em universos psicossociais encontrados nas destinações. Acredita-se, nesse sentido, que o movimento aciona sopro de vida, amplia a potência de produção de saúde, em sentido amplo, com o agenciamento pleno do que se chama, na Esquizoanálise de corpo vibrátil. “[...] corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações: atração e repulsa, afetos, simulação em matérias de expressão” (Rolnik, 1989, p. 26). Vale, nesse sentido, também, inspirações como o pensamento de Eduardo Galeano, quando ensina sobre os diferentes modos de pensar o corpo: “A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa”. Na mesma linha, toda a abordagem de Rubem Alves, em texto clássico intitulado *Variações sobre o prazer*, em que afirma procurar a sabedoria do corpo e que o corpo são as águas profundas do conhecimento, porque são conhecimento vivido, em variações/vibrações, não em pensamento.

Assim, ao dialogar com pensadores que ajudam a refletir a interface Turismo e Saúde, celebra-se, especialmente, o cultivo da saúde em dimensões do corpo vibrátil, o corpo festa de Galeano, o corpo águas profundas de Rubem Alves, o corpo que fala de Pierre Weill, especialmente que faz do movimento a potência de reinvenção da vida e da saúde. Entende-se que é justamente no traslado, no processo, na desterritorialização desejante, que é possível saudar a vida, promover saúde. Assim, nesse processo se mostra o caráter (potencialmente) saudável do Turismo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, N., F^o. (2013) *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Fiocruz.

Baptista, M. L. C. (2000). *O sujeito da escrita e a trama comunicacional. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea.* (Tese de doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Baptista, M. L. C. (2011). *Imagem, Sujeito e Mídia.* Projeto de Pesquisa. Caxias do Sul, RS, Brasil.

Baptista, M. L. C. (2012). *Usina de Saberes em Comunicação. Projeto de Pesquisa.* Caxias do Sul, RS, Brasil.

Baptista, M. L. C. (2013). *Desterritorialização desejante em Turismo e Comunicação: Narrativas Especulares e de Autopoiese Inscricional.* Projeto de Pesquisa. Caxias do Sul, RS, Brasil.

Baptista, M. L. C. (2014a). Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação. Questões Transversais. *Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 2, 98-105.

Baptista, M. L. C. (2014b). Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. *Rosa dos Ventos*, v. 6, 342-355.

Baptista, M. L. C. (2019, março) Trama Ecosistêmica Amazônica e o Turismo: Desafios de um Patrimônio da Humanidade no Espaço Ibero-Americano. *Anais Conferência Internacional de Turismo & História O papel do turismo na valorização histórico-cultural do espaço Ibero-Americano.* Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil, 3. 2019.

Batistella, C. (2019). *Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde.* Recuperado de http://www.epsjv.fiocruz.br/pdts/pdts/includes/header_pdf.

Beni, M. C., & Moesch, M. M. (2017). *A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo.* Recuperado de <http://www.univali.br/periodicos>.

Brasil. (2017). Ministério do Turismo. *Turismo de Saúde Orientações Básicas.* Recuperado de <http://www.turismo.gov.br>.



- BRASIL, C. F. (2010). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
- Capra, F. (1990). *O Tao da Física. Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental* (11a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (1991). *O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente* (12a ed.). São Paulo, Cultrix.
- Capra, F. (1997). *A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão dos Sistemas Vivos* (9a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Chopra, D. (1989). *Quantum healing: exploring the frontiers of mind/body medicine*. New York: Bantam Books. [A cura quântica: o poder da mente e da consciência na busca da saúde integral. Rio de Janeiro: Best Seller, [s.d.].
- Cobra, N. (2003). *A semente da vitória* (41a. ed.). São Paulo: Senac.
- Colferai, S. (2014). Um Jeito Amazônida de ser Mundo. A Amazônia como Metáfora do Ecossistema Comunicacional: Uma Leitura do Conceito a Partir da Região. (Tese de doutorado). Universidade Federal Do Amazonas. Cidade, AM, Brasil.
- Correia, C. M. C., Freitas, I. C. O., Abbud, M. E. O. P., & Campos, M. S. (2012). *Processos Comunicacionais. Tempo, Espaço e Tecnologia*. Manaus: Valer, Edua, Fapeam.
- Crema, R. (1989). *Introdução à visão holística. Breve relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma*. São Paulo: Summus.
- Crema, R. (2018). *O poder do encontro. A origem do cuidado*. São Paulo: Tuniak Produções, Instituto Arapoty; Unipaz.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2007). *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34.
- Fernandes, J. V.[nome], Fernandes, F. M. V.[nome]. (2011). *Turismo de Saúde e Bem-Estar no Mundo*. São Paulo: Ed. SENAC.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido* (17a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2003). *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gleiser, M. (2006). *A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang*.



São Paulo: Companhia das Letras.

Gleiser, M. (2007). *Cartas a um jovem cientista*. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil.

Godoi, A. F. (2009). *Turismo de Saúde: uma visão da hospitalidade médica mundial*. São Paulo: Ed. Ícone.

Guattari, F. (1981). *As três ecologias* (3a ed.). Campinas: Papyrus.

Guattari, F. (1987). *Revolução Molecular. Pulsações Políticas do Desejo* (3a ed.). São Paulo: Brasiliense.

Guattari, F. (1988). *O Inconsciente Maquínico*. Campinas: Papyrus.

Guattari, F. (1990). Linguagem, Consciência e Sociedade. In Lancetti, A. *Saúde loucura 2* (3.ed., pp. 3-17). São Paulo: Hucitec.

Guattari, F. (1992). *Caosmose. Um Novo Paradigma Ético-Estético*. Rio de Janeiro: Ed.34.

Guattari, F., Deleuze, G. (1992). *O que é Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed.34.

Guattari, F., Deleuze, G. (1995). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. (v.1 a v.5.). Rio de Janeiro: Ed.34.

Guattari, F., Rolnik, S. (1986). *Cartografias do Desejo* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.

Hernandez, L. (2011). *Un poco de Historia del Turismo Médico. Turismo en Salud*. Recuperado de <https://turismosalud.wordpress.com/2011/03/31/un-poco-de-historia-del-turismo-medico/>.

Hirschman, A. (1983). *De consumidor a cidadão. Atividade privada e participação na vida pública*. São Paulo: Brasiliense.

Kehl, M. R. (1990). O desejo da realidade. In Novaes, A. (Org.). *O desejo*. (cap. X, pp. X-x). São Paulo-Rio de Janeiro: Companhia das Letras-Funarte.

Kerckhove, D. (1997). *A Pele da Cultura. Uma investigação sobre a nova realidade electrónica*. Lisboa: Relógios D'Água.

Levy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed.34.

Lima, E. P. (2009). *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (4a ed.). Barueri: Manole.



- Lovelock, J. (1991). *As eras de Gaia. A Biografia da Nossa Terra Viva*. Rio de Janeiro: Campus.
- Malcher, M. A., Seixas, N. S. A., Lima, R. L. A., & Amaral O. F. (2011). *Comunicação Midiatizada na e da Amazônia*. Belém: Fadesp.
- Maturana, H. (1998). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana, H., Varela, G. F. J. (1997). *Máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo*. (3a ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Medina, C., Grecco, M. (Orgs. (1994). *Novo pacto da ciência 3. Saber plural. O discurso fragmentalista da ciência e a crise dos paradigmas*. São Paulo: ECA-USP-CNPq.
- Medina, C., Grecco, M. (Orgs.). (1990-1991). *Novo pacto da ciência. A crise dos paradigmas. Seminário transdisciplinar*. São Paulo: ECA-USP.
- Minayo, M. C. D. S. (2002). *Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Moesch, M. M. (2002). *A produção do saber turístico* (2a ed.) São Paulo: Contexto.
- Moesch, M. M. (2004). *A epistemologia social do turismo*. (Tese de doutorado), instituição, cidade, estado, país.
- Monteiro, G. V., Abbud, M. E. O. P., & Pereira, M. F. (Orgs.). (2011). *Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação*. Manaus: Edua. Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo.
- Morin, E. (2003). *Introdução ao pensamento complexo*. (4a ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Restrepo, L. C. (1998). *O Direito à Ternura*. Petrópolis: Vozes.
- Rolnik, S. (1989). *Cartografia Sentimental*. São Paulo: Liberdade.

